

inventário
de vagas MÁRCIA SILVEIRA
lembranças

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Menos um dia

A escrita sempre é assunto na terapia. Mais especificamente, a falta dela. O bloqueio. O vazio. O pânico da página em branco. Desde muito cedo eu decidi que escreveria crônicas, porque era o meu gênero textual favorito na adolescência. E eu escrevi várias delas durante a vida, mesmo enquanto fazia faculdade de design, também enquanto trabalhava como fotógrafa. E depois. Mas um dia parei. Foi quando o assunto surgiu na terapia.

Eu disse que não gostava dos meus textos — nem das crônicas, nem dos contos. Mas por quê?, o terapeuta perguntou. São muito melancólicos, eu respondi. E esse não pode ser o seu estilo? Achei uma bobagem.

Um dos meus maiores prazeres na vida é indicar boas leituras para as pessoas. Mas as resenhas surgiram, serei sincera, por causa da minha memória ruim. Porque eu lia um livro, achava o máximo e espalhava pelos cinco continentes que aquele era o livro da minha vida. Mas sempre chegava um momento em que eu nem me lembrava por que aquele era o meu livro

preferido. Eu só sabia que era, mas já havia esquecido completamente a história. Então comecei a escrever resenhas — para depois reler e lembrar pelo menos o assunto daquelas leituras.

Primeiro eu escrevia somente para mim. Depois, duas amigas me disseram para colocar as resenhas na internet e assim eu fiz. Comecei num blog, depois fui para as redes sociais, até que recebi o convite para escrever para um jornal. Comecei no mesmo período em que havia decidido não escrever mais crônicas nem contos. Então era isso, eu era uma escritora de resenhas.

Mas a vontade de escrever crônicas nunca me deixou completamente. Eu lamentava não conseguir mais escrevê-las. Além das crônicas, queria escrever ensaios. A vontade era grande, mas a página em branco era implacável. Ela me julgava, eu sentia, quase podia ouvir. Vai escrever mais uma daquelas bobagens melancólicas?, ela me perguntava. Eu desistia.

Numa segunda-feira, em meio a esse bloqueio, postei uma foto em uma rede social. Era uma imagem do fim de tarde visto da janela do meu apartamento: um céu colorido, meio roxo, meio avermelhado. E escrevi como legenda: “menos uma segunda-feira na minha vida (e na sua também)”. Logo recebi uma mensagem de uma amiga que me conhece bem, dizendo que aquela legenda era a minha cara.

Então compreendi. Sim, aquela legenda dizia muito de mim. Eu não sou uma pessoa que posta uma foto do céu e escreve “gratidão por mais um dia” ou um poema sobre o pôr do sol. Eu gosto mesmo é de lembrar que mais uma segunda-feira da minha (nossa) vida se foi. A consciência da finitude está sempre presente. A melancolia filtra meu olhar para o mundo e, como consequência, as minhas palavras.

A mensagem da minha amiga me salvou do vazio da página. Voltei a escrever crônicas e percebi que o comentário do terapeuta não era, no fim, uma bobagem. Minha escrita tem certo tom de desencanto porque muitas vezes é assim que eu encaro a vida — essa coisa doida e doída, com acento, como já escrevi uma vez. Mas consigo reconhecer também em minhas palavras um quê de humor — uma graça quase defensiva de quem às vezes precisa se resguardar da fragilidade da vida.

Na primeira crônica que escrevi após o retorno, ela, a melancolia, quis logo se fazer presente e marcar seu território. Já no primeiro parágrafo, quando percebi, estava me referindo a um dia ensolarado como um grito — um incômodo. Respirei fundo, aceitei as palavras que havia posto no papel e segui em frente. Afinal, eu realmente prefiro o céu acinzentado. Ele fala baixinho, eu também. A gente combina e se entende.




A casa rosa

Uma das minhas cores favoritas é rosa. Nunca soube o porquê, até que minha mãe um dia me contou que meu pai gostava de pintar a nossa casa de rosa. Eu não me lembro da casa rosa, mas adotei essa explicação para o meu gosto.



Nós morávamos em um terreno grande, com várias casas. A minha casa, a rosa, era a última, ficava no final do terreno. Eu morava lá com meu pai, minha mãe e minhas três irmãs. Minha avó paterna morava ao lado. Na casa em frente à dela, o irmão do meu pai, com a mulher e os quatro filhos, meus primos, todos meninos. Se não me engano, havia outras casas, onde moravam outras pessoas que não eram da família. De todos, eu era a caçula, com uma diferença bem grande para as irmãs e os primos, que já eram adolescentes.

Todo fim de ano meu pai pintava a casa. Uma história que sempre ouvia era que, quando minhas irmãs eram pequenas, elas rabiscavam as paredes. Minha mãe brigava, dizia que não podia, mas meu pai sempre aliviava, dizendo: “Deixa, depois a gente pinta de novo.”



Na casa rosa tinha um sofá azul. Lembro que no dia em que nos mudamos de lá, a casa estava uma bagunça por causa da mudança e o sofá já estava na varanda. Eu gostava de comer milho na espiga, então minha mãe me deu um — provavelmente para que eu ficasse quieta comendo e não atrapalhasse a mudança. Eu peguei minha espiga de milho verde e, vestida com meu short vermelho favorito, sentei na varanda rosa, no encosto do sofá azul. Eu comia e observava o movimento, sem entender direito o que mudaria na minha vida a partir daquele dia.

Acontece que o que mudou foram as cores. Eu e minha família fomos morar no Méier, numa casa branca. O portão da nova vila não era verde, mas, se bem me lembro, cinza. Era o início de uma nova vida, sem dúvida. Uma vida em tons mais neutros, em que a cor rosa virou apenas uma história a ser contada.



Vinte e três de março

Quando fecho os olhos e tento buscar minha lembrança mais remota, a imagem que me vem é apenas um flash de um dia em que estava na casa onde morava no bairro de Vaz Lobo, subúrbio do Rio. Não era um dia qualquer, era meu aniversário de quatro anos. Eu estava ansiosa por aquela data, porque, dias antes, minha mãe havia prometido fazer um bolo.

A imagem não é nítida. Era tudo sombra, a casa estava escura, mas pela janela via o dia claro lá fora. Eu, muito pequena, olhava para o alto enquanto falava com alguém, perguntando pelo meu bolo. E esse alguém, não sei se minha mãe ou uma de minhas irmãs, dizia, talvez brincando, que os planos haviam mudado, não teria mais bolo. Minha recordação, mais do que da cena, é do sentimento que me tomou naquele momento: a decepção.

Quando completei dezesseis anos, havia acabado de mudar de colégio. Tímida, ainda não conhecia ninguém na nova turma, então minhas amigas eram, ainda, as do colégio antigo,

CONTATO:

mscmarcia@gmail.com

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em julho de 2023.
